

Conheça a origem dos rituais de ano novo realizados no Brasil.

Há mais de 4 mil anos, já se comemorava o início de um novo ciclo no calendário. Mas naquela época, ao invés de um “ano” novo, a passagem do tempo era contada pelas estações do ano.

O primeiro povo a celebrar a festa de passagem teria sido o da Mesopotâmia, área que corresponde hoje aos territórios de Iraque, Kuwait, Síria e Turquia. Por dependerem da agricultura para sobreviver, eles celebravam o fim do inverno e início da primavera, época em que se iniciava uma nova safra de plantação.

Com isso, a festa de passagem dos mesopotâmicos não se dava na noite do dia 31 de dezembro para 1º de janeiro, mas sim do dia 22 para o 23 de março, data do início da primavera no Hemisfério Norte.

Foi somente com a introdução de um novo calendário no Ocidente, em 1582 – o calendário gregoriano, adotado pelo papa Gregório 13 no lugar do calendário juliano – que o primeiro dia do novo ano passou a ser 1º de janeiro.

Assim como acontece nas comemorações de ano novo atualmente, as celebrações de passagem também representavam esperança. Se hoje alguns rituais têm por objetivo atrair prosperidade e dinheiro – como usar a cor amarela na festa de Réveillon ou comer lentilhas – os cultos de 4 mil anos atrás pediam alimento e fartura.

Já o termo Réveillon, usado em várias partes do mundo para descrever a festa de véspera de Ano-Novo, é mais recente: surgiu no século 17, na França,

e representava festas da nobreza que duravam a noite toda.

O Réveillon não tinha data para acontecer, mas com o declínio da nobreza francesa a palavra foi sendo adaptada para a festa de véspera de ano novo – a palavra Réveillon deriva do verbo “acordar” em francês.

No século 19, essas festas foram adotadas pela nobreza de outros lugares do mundo que eram influenciados pela cultura francesa.

A nobreza do Brasil foi uma das que adotou o Réveillon, mas o sincretismo religioso característico do passado histórico do país fez com que as comemorações aqui adicionassem novos personagens, costumes e comidas às festas de ano novo.

Em Salvador (BA), a Igreja do Senhor do Bonfim é o principal ponto da cidade na última sexta-feira do ano, chamada de “Sexta-feira da Gratidão”. Fiéis de todo o país vão até o templo para pedir proteção para o próximo ano e levar objetos para benzer, como colares, as famosas fitinhas do bonfim, chaves de casa, fotos e até o carro.

Em todas as praias do Brasil, seguidores de Iemanjá costumam passar o Réveillon no litoral para fazer oferendas ou pular as sete ondas.

Iemanjá, a Rainha do Mar, é uma divindade africana originalmente vinda da Nigéria, da tradição chamada de iorubá, e incorporada pelo Candomblé e pela Umbanda no Brasil.

“Na Nigéria, o ritual a Iemanjá é feito no dia 2 de fevereiro (assim como na Bahia), mas ele também

Reprodução/Riotur



O termo Réveillon surgiu no século 17, na França.

ocorre no Brasil durante os últimos dias do ano e na véspera de ano novo”, explica o professor da Unirio Zeca Ligiéro, autor de livros sobre tradição e performance afro-brasileira.

“Iemanjá se popularizou nas religiões afro-brasileiras, como a Umbanda, o Tambor de Mina e o Candomblé pela força deste arquétipo feminino que ela representa: mãe, vaidosa que gosta de perfumes, flores e agrados e protetora das gestantes”, completa o professor.

Ligiéro conta que a Umbanda nasceu no Brasil depois que os rituais africanos foram duramente perseguidos no país, tendo sido diretamente influenciada pela cultura nacional.

“Essa nova religião de matriz africana, a Umbanda, mesclou várias tradições ameríndias, espírita e católica, criando uma nova imagem para Iemanjá, uma espécie de Vênus cabocla, cujos quadris são mais fartos que os seios”, explica o professor.

“A imagem de Iemanjá, por causa dessa mescla, parece sair do mar como uma

virgem de Botticelli, mas distribui graças com suas palmas abertas como algumas imagens de Virgem Maria. Aliás, ela tem semblante de Maria, mas traz uma estrela na testa (símbolo da alta espiritualidade africana) e tem longos cabelos negros, mais indígenas que afro.”

“Todas as religiões fazem empréstimos umas das outras para construir suas ritualidades específicas”, explica o professor de História Moderna da Unicamp, Rui Luis Rodrigues, ao falar sobre a origem histórica das festas de final de ano.

“Pesquisas históricas, antropológicas e teológicas têm indicado os variados empréstimos que os grupos religiosos contraem entre si em seus rituais.”

O umbandista Marcelo Rodrigues, do Rio de Janeiro, faz, todos os finais de ano, oferendas a Iemanjá. “Procuro fazer a virada de ano na praia, mas, quando não é possível, costumo ir um ou dois dias antes ao mar.”